

## **A trajetória do cidadão participativo no espaço público: a ampliação do Jornal do Brasil graças ao leitor colaborador**

Natália Alves MIRANDA  
Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

O artigo traz como tema a participação do cidadão no espaço público, que foi infinitamente ampliado com a Internet e as novas tecnologias. O indivíduo não só ganha mais espaço, mas também assume papéis semelhantes aos veículos produtores de informação. O estudo de caso desse projeto fala sobre a transição do Jornal do Brasil do impresso para online, um dos mais antigos e tradicionais do país, e sua empreitada inédita de encerrar as atividades do jornal impresso e manter apenas sua versão on-line. Dentro da história desse veículo será ressaltada a abertura de espaços próprios para a participação do cidadão, iniciativa tomada pelo periódico desde o começo do século XX que foi potencializada com o portal e novas possibilidades de colaboração por parte jornalismo cidadão.

**Palavras-chave:** espaço público, participação do cidadão, jornalismo cidadão, Internet.

### **ABSTRACT**

*The article brings up the topic of citizen participation in public space, which was infinitely expanded by the Internet and new technologies. The individual not only gain more space, but also takes on roles similar to information producers. The case study of this project is about the transition from the Jornal do Brazil from print to online, one of the oldest and traditional of the country, and the unprecedented endeavor to contain the activities of the newspaper keeping only its online version. Within the history of this vehicle will be highlighted the opening spaces for citizen participation, initiative taken by the journal since the beginning of the twentieth century that was enhanced with the portal and new possibilities of cooperation from citizen journalism.*

**Keywords:** *public space, citizen participation, citizen journalism, Internet*

## 1. Introdução

O cidadão comum sempre buscou seu espaço na esfera pública. Quando a sociedade ainda cultuava a divisão entre espaço público e privado, os relacionamentos e formas de expressão eram destinados a um âmbito próprio, mais reservado, mas tinham o seu lugar. Hoje o indivíduo vive a mistura entre o público e privado, construindo identidades próprias para exibição. A vida moderna trouxe a tona – e a tecnologia colaborou – o cidadão ativo, participativo, colaborador, e totalmente influente no fluxo de informações que move a sociedade.

Este trabalho aborda o impacto desse novo cenário para o cidadão comum e para a imprensa – área que tinha o controle do fluxo de informação até então – que passa por um período de adaptação à web e aos novos suportes, produzindo conteúdo e interagindo igualmente entre si. Os meios impressos migraram para o espaço virtual com a intenção de atrair mais leitores, e se depararam com a necessidade de uma nova forma de se relacionar com eles. Também tiveram que dividir, com seus próprios leitores, o posto de produtor, editor, divulgador e mediador de notícias.

A Internet, após todo o desenvolvimento tecnológico dos últimos 50 anos, foi o meio de comunicação que mais trouxe mudanças para a expressão da sociedade no espaço público e que permitiu a situação atual de compartilhamento de informações. Criada para a realização de pesquisas militares na década de 1960, ela tinha um objetivo simples de troca e compartilhamento de informações. Com o passar das décadas e o seu *boom* na década de 90, ampliou o processo de comunicação, tornando-se um vasto espaço de interação mundial, com uma variada gama de recursos.

Os outros meios de comunicação, como a TV, o rádio e o jornal passaram por transformações de acordo com o amadurecimento do seu público e a competição entre si, mas nenhum deles provocou a transformação linguística e comportamental que a Internet o fez. A web reúne todas as possibilidades multimídia num mesmo lugar, potencializando os poderes da instantaneidade e mobilidade.

O objeto desse projeto é Jornal do Brasil, veículo que teve sua história marcada pelo pioneirismo, sempre promovendo maior agilidade e qualidade em seu conteúdo e abrindo espaços ao leitor. Essas iniciativas foram resultados das novas tecnologias e novas mídias, motivando a adaptação da redação e transformando a colaboração do leitor numa vertente em constante crescimento dentro do veículo. Hoje, a versão on line, que é conduzida

sozinha, tem as sessões “Leitor Repórter”, as enquetes, os links com as redes sociais alimentadas pelo usuário, além do portal de notícias inteiramente colaborativo, o JB Wiki.

## 2. Participação do espaço público

O cidadão despertado após a implementação da ideia de cidadania – sua participação nas escolhas do rumo do governo passa a ser bem-vinda na Grécia Clássica – e após as revoluções Francesa e Industrial, ganha espaço e reconhecimento. Após a ascensão burguesa, começa a lhe parecer importante expressar suas ideias e poder colaborar com andamento da sociedade, fazendo-se notável e importante perante aos demais cidadãos.

Segundo Sibilía (2008, p.16), o século XVIII surge com grandes mudanças na sociedade que influenciaram “as formas de tematização e construção do eu” e vários podem ser os “modos de ser” do ser humano, em três níveis: o singular, que abrange a “trajetória de cada indivíduo como um sujeito único e irrepetível”; o universal, que abrange “todas as características comuns ao gênero humano”, como as formas de se expressar e as linguagens utilizadas. Em um nível intermediário a esses dois, existe o particular ou específico, que são os elementos comuns a alguns sujeitos, mas não necessariamente a todos. São aquelas características que o indivíduo tem de acordo com a cultura e o direcionamento político, econômico ou social, que moldam sua “forma de ser e estar no mundo”.

No século XVIII também entra em vigor o novo modelo de esfera pública, que trouxe um esquema de correspondência mais amplo, interligando associações comerciais e a imprensa. O câmbio de informações econômicas passa a permitir diálogos e relações de duas vias, promovendo debates e moldando o espaço público que é conhecido nos dias atuais, baseado na interação, mas ainda sendo mediado por meios impressos na época.

Para Sibilía (2008, p.60) a divisão do que era público ou privado foi uma definição recente, tendo acontecido com a implementação da privacidade de fato na Europa, entre os séculos XVIII e XIX.

A esfera da privacidade só ganhou consistência na Europa dos séculos XVIII e XIX, ecoando o desenvolvimento das sociedades industriais modernas e do modo de vida urbano. Foi precisamente nessa época que um certo espaço de refúgio para o indivíduo e a família nuclear começou a ser criado, no seio do mundo burguês, fornecendo a esses novos sujeitos aquilo que tanto almejavam: um território a salvo das exigências e dos perigos do meio público, aquele espaço ‘exterior’ que começava a ganhar um tom cada vez mais ameaçador. (SIBILIA, 2008, p.60)

Nos séculos seguintes, XX e início do século XXI, a privacidade é atirada ao espaço público e os conceitos de cada um se fundem, graças à difusão das novas mídias. O

indivíduo deixa de tratar sobre a sua intimidade com os mesmos propósitos de antes – em oposição ao espaço não-íntimo – e passa a produzir para um público.

O novo sujeito, dotado de recursos tecnológicos, e principalmente da web 2.0, se acha no direito de ter uma audiência para si. O espaço público se transforma não só num espaço de troca de informação, mas também de troca de intimidades. O indivíduo passa a divulgar, de forma rápida e prática, tudo o que antes escrevia em seu “quarto privado”. As informações não caem mais no esquecimento, podendo ser lidas e relidas por tempo indeterminado por meio da Internet.

Sibilia (2008, p. 47) afirma que, com a prática do compartilhamento de histórias e vidas, multiplicam-se as vozes ativas nas esferas mais diversas. Isso faz com que a criatividade seja estimulada e as atividades em grupo – principalmente no âmbito virtual – formam um espaço de alta produtividade. A nova fase é denominada por Lévy (2007, p. 229) como o movimento da cibercultura, que passou a mover a sociedade ditando uma nova realidade não só para os usuários, como para os Estados e Indústrias: tornou-se inevitável a adesão e interação.

---

O ciberespaço (...) é mais acolhedor do que dominador. Não é um instrumento de difusão através de centros, (como a imprensa, o rádio e a televisão), mas sim um dispositivo de comunicação interativa de coletivos humanos com eles mesmos, e de colocação em contato de comunidades heterogêneas. (LÉVY, 2007, p. 230)

### 3. Conteúdo colaborativo

A informação começa a integrar um novo fluxo, muito mais ágil, que por sua vez, demanda uma nova forma de consumo desse conteúdo. Ao mesmo tempo em que ela deixa de ser palpável, pois perde o seu suporte – os livros e jornais – a informação se torna acessível por todos, podendo ser alterada e acrescida de novas informações a todo tempo, por todo mundo. É o cenário atual no qual muitas atividades tiveram de se adaptar, principalmente a da imprensa, que antes tinha o fluxo informações sob controle e hoje não o tem mais. O jornalista teve que reinventar a produção e divulgação de conteúdo, lidando, justamente, com a circulação de informações fornecidas pelos cidadãos participativos.

Primo e Träsel (2006, p. 12) afirmam que o conteúdo gerado por redatores e leitores, subdivide-se em três tipos. O Hipertexto Potencial mantém a distância entre o autor e o leitor, pois pode se tratar de uma página sem opções de adição de conteúdo. Já o Hipertexto

Cooperativo aparece em páginas que promovem a interação e o compartilhamento de novos conteúdos, construindo o assunto em andamento. Já no caso do Hipertexto Colagem, uma equipe de editores filtra o conteúdo recebido dos leitores a fim de eleger o que será publicado naquela página ou não, de acordo com a relevância do texto com o assunto da discussão.

Segundo Paulo Ferreira (2003, p. 73), a possibilidade de receber de informações de qualquer lugar e estando em qualquer lugar, é a grande mudança que facilita o processo de apuração, estabelecendo como primeira característica, a mobilidade. Como a tecnologia tornou a sociedade ainda mais heterogênea – permitindo o acesso a conteúdos cada vez mais segregados – a especialização do conteúdo se faz muito importante na hora de angariar mais leitores e é a segunda característica. A instantaneidade, chave do ciberespaço, torna o fluxo de informações muito mais rápido e crescente, e é a terceira característica.

Para Ventura (2009, p. 77), o jornalista de hoje precisa rastrear a atenção do leitor e atendê-lo com informações que sigam o seu critério de seleção. O jornalismo transformado em webjornalismo, acaba por organizar a desordem de informação online a qual o usuário é submetido todos os dias. Cavanilhas (2005, p.5) diz que foram necessárias alterações das técnicas de redação, uma vez que o leitor ganha novos costumes de leitura com a tela do computador. As matérias deixam de responder perguntas no lead – pirâmide invertida – e passa a seguir a pirâmide deitada. A primeira está diretamente relacionada com a limitação que o papel oferece e como na web não há limite de espaço, o jornalista pode – e deve – aproveitar a “arquitetura noticiosa aberta e de livre navegação”, conforme propõe o segundo formato (Cavanilhas, 2005, p.7).

FIGURA 1 – Esquema da Pirâmide deitada. (Cavanilhas, 2005, p.14)



Cavanilhas (2005, p.14) afirma que, embora seja possível perceber níveis entre as informações, isso não significa que elas tenham uma ordem para serem acessadas. Elas são disponibilizadas acompanhadas de pistas para que leitor saiba onde conseguir mais informações sobre determinado tema. O leitor interage a partir deste momento, pois como afirmam Primo e Träsel (2006, p. 9), a participação começa com a reação aos pontos de informação que lhe são atrativos. Eles denominam esse comportamento de Interação Reativa, pois um clique impulsiona outro, com funções previamente programadas por profissionais envolvidos na criação das páginas. Mesmo no caso das páginas que não permitem que o leitor adicione conteúdo, mas permitem uma interação pré-determinada pelos *gatekeepers* – aqueles que filtram o conteúdo.

Débora Haas (2009, p.22) acrescenta que as formas de interação vão além das simples enquetes e dos fóruns de discussão. Segundo Schultz (1999, citado por Haas, 2009, p. 22), o email serve, primeiramente, como um meio de comunicação que encurta o caminho entre o jornalista e o público. Os *chats* – salas de conversação – podem servir como fonte de observação, a fim de descobrir novas pautas, por meio dos assuntos levantados pelo público e descobrindo o que está gerando maior interesse. As enquetes e os fóruns se fazem úteis para a apuração de pautas em potencial.

As novas possibilidades de interação permitem que o jornalismo se estenda e se multiplique por todos os cantos do mundo. A partir da colaboração dos leitores, é possível preencher o vácuo deixado pelo jornalismo profissional, que humanamente não consegue cobrir todos os fatos do mundo. O jornalista ganha novas funções, adaptando o processo de *gatekeeping* para o processo de *gatewatching*. Como ainda é necessária – e primordial – a apuração dos fatos, o jornalista assume um papel duplo de repórter e revisor de todo o material auxiliar que recebe. Numa comparação simplória, é como se ele passasse de porteiro a vigia.

Esse neologismo é criado em oposição à noção de *gatekeeping*, segundo a qual existem “portões” de informação controlados por jornalistas em redações, responsáveis por selecionar quais fatos serão publicados, de acordo com critérios de noticiabilidade. Se o *gatekeeping* faz sentido na análise dos meios de comunicação de massa, no ciberespaço (...) cria-se a necessidade de avaliá-la, mais do que descartá-la. Não é mais preciso rejeitar notícias devido à falta de espaço, porque pode-se publicá-las todas. Nota-se um deslocamento da coleta de informação para a seleção da mesma. (PRIMO; TRÄSEL, 2006, p. 8)

O jornalista deixa de ser o único a alcançar fontes antes inacessíveis, outro fator que aproxima o profissional do não profissional. As fontes abertas, tipo de jornalismo denominado *Open Source*, são a exata definição do cidadão participativo. Ele é aquele que lê e produz o próprio conteúdo, gerando esforços individuais ou coletivos para publicar suas próprias notícias e opiniões. Primo e Träsel (2006, p. 4) afirmam que esse poder ativo que o cidadão adquiriu, ganha um sentido político, uma vez que pode servir como barreiras de resistência e ativismo na sociedade.

No entanto, Deborah Haas afirma que o jornalismo participativo pode ter diversas definições de acordo com detalhes de como é feito. Segundo Foschini e Taddei (2006, p.19 citado por Deborah Haas 2009, p. 41):

Jornalismo Participativo – ocorre, por exemplo, nas matérias publicadas por veículos de comunicação que incluem comentário dos leitores. Os comentários somam-se aos artigos, formando um conjunto novo. Dessa forma leitores participam da notícia. Isso é mais frequente em *blogs*. Jornalismo colaborativo – é usado quando mais de uma pessoa contribui para o resultado final do que é publicado. Pode ser um texto escrito por uma ou mais pessoas ou ainda uma página que traga vídeos, sons e imagens de vários autores. Jornalismo código aberto – surgiu para definir um estilo de jornalismo feito em sites wiki, que permite a qualquer internauta alterar o conteúdo de uma página. Também pertencem a esse grupo vídeos, sons, fotos e textos distribuídos na rede com licença para serem alterados e retrabalhados. Jornalismo grassroots – refere-se à participação na produção e publicação de conteúdo na web das camadas periféricas da população, aquelas que geralmente não participam das decisões da sociedade. Quando elas passam a divulgar as próprias notícias, causam um efeito poderoso no efeito da comunicação. Quem

usa esse termo defende a ideia de que o jornalismo cidadão está diretamente relacionado à inclusão dessas camadas no universo criado pelas novas tecnologias de comunicação. (FOSCHINI; TADDEI, 2006, p.19)

Para Rodrigues (2006, p.49 e 50) a base da participação é, principalmente, formada pelos *blogs* e que eles foram a grande oportunidade de liberdade de expressão do usuário. Eles facilitaram a publicação pessoal a medida que permitem que espaço seja regido da forma que o autor bem entender, sendo o editor da própria produção de conteúdo, sem precisar obedecer a limites de tempo e nem critérios editoriais de fora.

O webjornalismo participativo reproduz a realidade de uma forma inédita e totalmente necessária nos dias se hoje. Primo e Träsel (2006, p. 10) afirmam que o leitor colaborador é quem move o funcionamento dos webjornais, sendo a peça chave para que eles existam. Eles concluem que este tipo de colaboração jornalística é toda produção de conteúdo noticioso onde o limite entre a geração de conteúdo e o consumo dele não pode ser delimitado com clareza.

#### **4. O estudo de caso: Jornal do Brasil**

O estudo de caso deste trabalho faz-se coerente a medida que aborda a história de um veículo levado, desde sua criação, por empreitadas pioneiras, sempre fomentando a participação de seus leitores junto ao seu desenvolvimento. A tradição, que cativou de diversas gerações de leitores, baseou-se num caráter crítico não alcançado por outros jornais, por receio de tamanha ousadia e repressões políticas de diferentes épocas. Driblando estes e outros empecilhos, o jornal nunca deixou de inovar, tornando-se referência no jornalismo brasileiro.

O Jornal do Brasil foi fundado em abril de 1891, já inserido em moldes modernos. Segundo Lessa (1995, p19), o periódico marcou o jornalismo brasileiro na publicação de caricaturas, na criação de um caderno feminino e na publicação de histórias em quadrinhos. Em 1912, foi o primeiro jornal à dedicar páginas inteiras aos esportes. O periódico foi o primeiro periódico a investir em sessões que atendessem ao público de forma direta, ainda na virada do século, com as colunas “Queixas do Povo” e “Pelos Subúrbios”.

O uso de imagens tornava o Jornal do Brasil acessível aos recém-alfabetizados, caminho mais curto para conquistá-los e tornar-se o jornal popular que queria ser. Sua imagem vai sendo modelada para a aquela de jornal defensor dos que não eram ouvidos. Os



primeiros sinais de colaboração por parte do leitor foram inaugurados pelo Jornal do Brasil, com as colunas “Queixas do Povo” e “Pelos Subúrbios”, além de receber donativos em dinheiro que repassavam às pessoas indicadas pelos que procuravam a redação.

As novas tecnologias promoviam o ineditismo e rapidez na transmissão da notícia, e, segundo Barbosa (2007, p. 39), o repórter passa a ser a peça-chave da notícia. O Jornal do Brasil, “além do serviço combinado com um dos primeiros órgãos de publicidade do continente”, possuía correspondentes em Paris, Buenos Aires, Roma, Lisboa, Londres e Montevideu para garantir o máximo de acontecimentos que podia. O correspondente era a extensão máxima que o jornal conseguia antes da colaboração efetiva dos leitores com informações de todos os cantos do país.

Em 1956, o JB ganhou um conjunto de iniciativas para que, nas primeiras, décadas de 1960, fosse implantado o jornalismo moderno no Brasil. A primeira fase da reforma consistiu nas mudanças de equipe e elementos visuais, e depois na segregação e melhoria do conteúdo do jornal, começando pelo Suplemento Dominical do Jornal do Brasil. (LESSA, 1995, p.22) A segunda fase da diz respeito às mudanças na organização da notícia. A redação passa a colocar em prática a pirâmide invertida nos textos e ganha novos suplementos, como o Caderno B, aprimorando-se na notícia de primeira página sem deixá-la redundante perante a matéria completa no interior do jornal reforma (LESSA, 1995, p.28).

A limpeza e nova arrumação feitas nas páginas atraiu automaticamente o leitor sofisticado, porém, o jornal deu um jeito de atender à todas as classes. Já nos anos 2000, o visual *clean* toma conta das páginas durante a semana, e aos sábados e domingos, as páginas ficam mais coloridas e trazem mais informações, principalmente por causa dos suplementos. A informatização da redação e a adesão à Internet foram as principais mudanças no periódico nessa época, pois foi o que permitiu a entrada do leitor de vez em sua criação.

O Jornal do Brasil ganhou sua versão on line em 28 de maio de 1995, um ano após a implantação da Internet comercial no Brasil, ampliando o âmbito ao que ela se restringia: universidades e ONG’s. De acordo com dados da Universidade Federal do Pará (2011), o Ministério das Comunicações e o Ministério da Ciência e Tecnologia se uniram para lançar uma rede global e integrada e, assim, os primeiros sites surgiram, incluindo os de notícias, apesar de nenhum outro jornal ainda ter digitalizado seu conteúdo.

A participação, já incentivada anteriormente através de cartas, emails e colunas dedicadas a este material, é potencializada com a possibilidade de contribuição e compartilhamento entre os leitores e o veículo. Apesar de toda a reforma e segmentação feitas no visual e no conteúdo, foi a colaboração que fez com que o JB estreitasse laços com o seu público e aumentasse seu papel no espaço público, permitindo que tanto o veículo quanto o seu leitor tivessem o mesmo alcance e o mesmo poder de informar. As novas mídias e o desenvolvimento da Internet, somados ao legado pioneiro do veículo, foram decisivos no pioneirismo do jornal em relação à participação.

Em setembro de 2010, o Jornal do Brasil, acompanhando o ritmo dos usuários virtuais, decide encerrar a produção da versão impressa. O jornal publica no portal os princípios da empresa que levou à tal decisão, dizia que a versão on line seria benéfica à empresa e ao consumidor à medida que promove ainda mais a interação com o leitor, torna-se sustentável ao cessar o gasto de papel e se aperfeiçoa-se no uso de novas tecnologias.

O conteúdo passou a ser dividido em três partes: ‘tempo real’, que corresponde ao conteúdo postado aos poucos, como as notas, vídeos e fotos citados anteriormente, complementando as matérias maiores; ‘JB Digital’, que corresponde a uma simulação do jornal de papel, adaptada ao formato da tela do computador utilizado e disponível somente aos assinantes do jornal, trazendo matérias de jornais internacionais como o *The New York Times*; e ‘blogosfera’, que corresponde aos blogs dos colunistas do Jornal do Brasil, a sessão Leitor Repórter e as enquetes sobre assuntos da atualidade.

Logo na primeira página do portal de notícias do JB pode-se observar que, além das matérias de capa, é possível acessar a sessão do Leitor Repórter, as enquetes e as matérias que foram compartilhadas no Facebook. Esses links se concentram no canto esquerdo da página formando uma coluna exclusiva para participação do leitor.

FIGURA 2 – Acesso às páginas que permitem a participação do leitor. Site do Jornal do Brasil.



Segundo a editora chefe do jornal, Deborah Lannes, não há um processo específico para o recebimento e moderação desse material. A equipe de jornalistas divide-se igualmente de acordo com a chegada das matérias, avaliando o valor noticioso de cada um, editando-as e publicando-as na página. A publicação das matérias acontece de acordo com a relevância e abordagem da notícia recebida. A editora afirma que a avaliação desse material bruto pode não somente render uma colaboração a mais para o site, mas pode também gerar uma pauta interessante e desenvolvida pela redação.

Lannes afirma também que existem critérios de noticiabilidade a serem seguidos para que o material seja aproveitado de fato. Não são aceitos *press releases*, textos de caráter opinativo ou em qualquer formato literário. É importante que o usuário colabore fornecendo relatos de acontecimentos verídicos os quais presenciou, e de acordo com a informação e a qualidade do material fornecido, a redação explora o assunto como pauta em potencial.

De acordo com a análise de Deborah Haas (2009, p.50) sobre páginas no estilo Leitor Repórter, o usuário assume, neste tipo de atividade, o papel de publicador e comentarista, a medida que produz um conteúdo próprio, mas não é aquele que manipula a plataforma de publicação desse conteúdo. Sua matéria adquire apenas um caráter somatório ao restante do site, assim como fazem os comentários. O repórter cidadão sustenta estas páginas ao conseguir informar, formar e distrair, assim como o conteúdo jornalístico profissional. Aliás, o conteúdo profissional e o amador se complementam à medida que formam novas opiniões e servem como novas pautas tanto de um lado, quanto de outro.

A sessão das enquetes apresenta outro tipo interação, mais controlada que as matérias moderadas, uma vez que permite apenas as possibilidades de retorno dadas pelo site. Já o compartilhamento de notícias, gerado através da participação dos leitores, é uma das atividades mais estimuladas com o avanço tecnológico. Através de celulares e computadores móveis os leitores podem, não somente fazer a leitura em qualquer lugar, mas enviá-la a outros leitores e aumentar, exponencialmente, o número de visitantes de uma página. O fluxo de informações se multiplica bastante nessa dinâmica.

Um site a parte, chamado JBWiki - <http://www.brasilwiki.com.br/> - foi criado pela redação do Jornal do Brasil para ser alimentado unicamente por usuários e leitores. O site contém uma quantidade significativa de material colaborativo, que ainda recebe matérias, que se acumulam numa lista de espera para serem editadas e publicadas, apesar de estar de não estar mais contando com a publicação das matérias por parte da redação do JB. O projeto acabou sendo congelado por falta de tempo da redação de moderar todo o seu conteúdo.

As matérias publicadas se destacam na primeira página de acordo com a editoria que recebeu as últimas novidades, além de estarem listadas como “últimas inclusões”, onde se pode acessar todas as novas matérias recebidas, por ordem de data. Elas correspondem aos usuários cadastrados e que tiveram seu conteúdo aprovado pela equipe *gatewatcher* do JB. Sem cadastro também é possível publicar, porém, sem acompanhar a supervisão dos moderadores.

**FIGURA 3** – A inclusão de matéria, que pode ser feita mediante ao cadastramento de um perfil ou não.



As publicações são divididas em editorias e também em relação ao assunto e formato do material enviado. Os “cadernos”, como seria no impresso, são: últimas

(notícias), cotidiano, humor, cultura, economia, esportes, press releases, deu no papel, política, fotos e vídeos. Ao contrário da sessão Leitor Repórter, o JB Wiki abre espaço para poesias, contos e textos opinativos, daí a possibilidade de segregação do material recebido em tantas categorias.

O JB Wiki é um espaço que apresenta a condição clara dos usuários, que tomam a participação em espaço público como uma atividade essencial e necessária em seu dia-a-dia. O veículo proporciona aos leitores experiências de participação elevadas, permitindo que o leitor se sinta ainda mais importante com o poder de não apenas selecionar o quer ler, mas como citado por Sibilia (2006, p. 9 e 10), a Internet permite o acesso às informações numa escala de interesse, o que pode-se dizer que é potencializado à medida que o conteúdo é produzido nesta mesma escala, pelos próprios leitores.

Após tal verificação, tem-se um exemplo de motivação que os cidadãos têm para colaborar com o jornalismo profissional, a medida que os aparatos tecnológicos permitem e motivam esse alcance. A atitude participativa de outros cidadãos vem das possibilidades de apuração e distribuição de conteúdo com facilidade, impulsionando mais pessoas a quererem fazer parte dessa rede colaborativa. A contribuição ganha um caráter social ao fazer o indivíduo se sentir importante no espaço público e, conseqüentemente, no fluo de desenvolvimento da sociedade.

Na web, o JB pôde ser eternizado e continuar sendo referência para gerações futuras. A era digital partilha, ainda, da mesma premissa do veículo, que é permitir e fomentar a participação e fazer dessa colaboração um alcance maior de conteúdo. O jornal defendeu sua decisão lembrando que o meio não é a mensagem, à medida que a mudança de plataforma não significa alterações no conteúdo, e ainda seria uma sábia decisão em relação ao custo-benefício.

## 5. Considerações Finais

Para que este estudo se concretizasse, tomou-se por iniciativa falar sobre a participação no sentido do indivíduo que sempre buscou ter um papel notável na sociedade, desde a Grécia Clássica até os dias de hoje. A ligação entre ambas épocas foi estabelecida à medida que a aceitação do homem no espaço público, opinando e reivindicando seus direitos de opinião, foi se desenvolvendo desde a divisão do espaço público e privado até os dias atuais onde o privado e o público se fundem num único *mix* de informações na Internet.

É a partir desta contextualização que este trabalho abrangeu a importância do desenvolvimento tecnológico nesse processo de participação, e se tratando em colaboração de conteúdo, chega a prática do jornalismo cidadão. O jornalista teve que descobrir, sem orientação prévia, como trabalhar em parceria com as novas tecnologias e alcance do leitor às suas funções. Não somente as redações foram modernizadas, mas também as mentes criadoras. Isso por que a modernização é uma via de mão única, que se não acompanhada, segrega grupos à exclusão contemporânea.

O JB saiu na frente dos outros veículos ao lançar seu portal de notícias primeiro abrindo espaço para seus leitores igualando-se a um padrão moderno. O que era restrito ao recebimento de e-mails, equivalentes às “Cartas dos Leitores”, na década de 90, transformou-se numa editoria específica de conteúdo colaborativo. No entanto, o portal não manteve o conteúdo colaborativo tão atualizado como sugeriu de início. A página “Leitor Repórter” tem seu conteúdo pouco explorado, deixando cair um pouco a tradição do veículo. No entanto, os leitores se mantêm ativos nesta e nas demais sessões participativas, como as enquetes e o compartilhamento de matérias nas redes sociais.

Já o JB Wiki, um projeto à parte e o mais pioneiro de todos voltado aos leitores, foi injustamente congelado pela redação falta de *gatekeepers* e *gatewatchings* suficientes. Nenhum outro jornal brasileiro havia lançado algo semelhante, o que foi uma novidade empolgante, que se sustenta por si própria. O jornal acabou igualando-se ao padrão de comunicação que os outros alcançaram virtualmente com seus leitores, porém, deixou um bom legado na área de conteúdo colaborativo, impresso e virtual.

## 6. Referências

### LIVROS

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa. Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauadx, 2007.

RODRIGUES, Catarina. **Blogs e a fragmentação do espaço público**. Universidade da Beira Interior, Labcom. 2006. Disponível em:

[http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110824rodrigues\\_catarina\\_blogs\\_fragmentacao\\_espaco\\_publico.pdf](http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110824rodrigues_catarina_blogs_fragmentacao_espaco_publico.pdf)

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. 2. ed. – São Paulo: Editora 34. 2007.

LESSA, Washington Dias. **Dois estudos de comunicação visual**. Rio de Janeiro: EDUFJR. 1995

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu: a intimidade como espetáculo**. 2008.

PINHO, J.B. **Jornalismo Online: Planejamento e produção de jornalismo online**. São Paulo: Summus Editorial, 2ª edição. 2003

#### ARTIGOS

CAVANILHAS, João. **Webjornalismo: Da pirâmide**

**invertida à pirâmide deitada**. Portugal. Universidade da Beira Interior. 2005

FOSCHINI, Ana Carmen e TADDEI, Roberto Romano. **Jornalismo cidadão: você faz a notícia**. 2006. Disponível em:

[http://pt.globalvoicesonline.org/wpcontent/uploads/2007/08/conquiste\\_a\\_rede\\_blog.pdf](http://pt.globalvoicesonline.org/wpcontent/uploads/2007/08/conquiste_a_rede_blog.pdf) - Acessado em 19/04/2012

PRIMO, Alex ; TRÄSEL, Marcelo Ruschel . **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. Contracampo (UFF), v. 14, p. 37-56, 2006.

VENTURA, Mauro. **Hipertexto, noticiabilidade e teoria do jornalismo na web**. São Paulo: v. 12, n. 23, p. 75-84, jun. de 2009.

#### REVISTAS

BRUNO, Fernanda. **Dispositivos de vigilância no ciberespaço:**

**duplos digitais e identidades simuladas**. Revista Fronteiras, VIII(2): 152-159. 2006

FERREIRA, Paulo Henrique de Oliveira. **O jornalismo Online: do telégrafo à Internet móvel**. Revista de Estudos de Jornalismo, Campinas 6 (1): 65-77, jan/jun, 2003.

#### PROJETOS

HAAS, Débora. **Webjornalismo participativo : perfil e motivações dos interagentes no espaço leitor-repórter, do portal zero hora.com**. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Trabalho de conclusão de curso. 2009

#### PERIÓDICOS ONLINE

JB Online. **A nova fase digital do Jornal do Brasil**. 2010 - <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2010/08/22/a-nova-fase-digital-do-jornal-do-brasil/> - Acessado em 08/03/2012

JB Online. **A nova fase digital do Jornal do Brasil**. Edição 605. 2010 - [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a\\_nova\\_fase\\_digital\\_do\\_jornal\\_do\\_brasil](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_nova_fase_digital_do_jornal_do_brasil) - Acessado em 08/03/2012

JB Online. **Um novo desafio para um jornal desbravador**. 2010 - <http://www.jb.com.br/pais/noticias/2010/09/01/jb-um-novo-desafio-para-um-jornal-desbravador/> - Acessado em 08/03/2012

#### SITES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (Brasil) - **Computador e Internet: 1990-1999**. 2011. Disponível em: <http://www.ufpa.br/dicas/net1/int-h199.htm> - Acessado em 19/04/2012

#### ENTREVISTAS

LANNES, Deborah. **Rotina da redação do JB**. Rio de Janeiro. 23 de abril de 2012. Entrevista concedida à Natália Miranda por telefone.